

américa scarfó, *uma experiência*¹

“Buenos Aires, 3 de dezembro de 1928.

Ao camarada Émile Armand.

Querido camarada:

Escrevo a presente, principalmente, para consultá-lo. Temos que atuar, em todos os momentos da vida, de acordo com nosso modo de ver e pensar, de maneira que as recriminações ou as críticas de outras pessoas encontrem a nossa individualidade protegida pelas vigorosas noções de responsabilidade e liberdade numa muralha sólida que detenha os ataques. Devemos ser conseqüentes com nossas idéias.

Meu caso, camarada, pertence à ordem amorosa. Sou uma jovem estudante que acredita na vida nova. Creio que, com nossa ação livre, individual ou coletiva, poderemos chegar a um futuro de amor, de fraternidade e de igualdade. Desejo para todos o que desejo para mim: a liberdade de ação, de amar, de pensar. Desejo a anarquia para a humanidade. Creio que para alcançá-la devemos fazer a revolução social. Mas, também, penso que para chegar a essa revolução é necessário liberar-se de todos os preconceitos, convenções, falsidades morais e códigos absurdos. E, enquanto aguardamos a explosão da grande revolução, devemos cumpri-la em todas as ações de nossa existência. Para que a revolu-

ção aconteça, não podemos nos contentar com a espera; nossa ação cotidiana é necessária. Devemos conceber o ponto de vista anarquista, e conseqüentemente, humano, onde for possível.

No amor, por exemplo, não aguardaremos a revolução. E nos uniremos livremente, desprezando preconceitos, as barreiras, as inumeráveis mentiras que se interpõem a nós como obstáculos. Conheci um homem, um companheiro de idéias. Segundo as leis burguesas, ele está *casado*. Ele se uniu a uma mulher em decorrência de uma circunstância trivial, sem amor. Nesse momento ele desconhecia nossas idéias. Entretanto, ele viveu com ela vários anos e nasceram filhos. Em sua vida com ela, não experimentou a satisfação que teria sentido com uma pessoa amada. A vida se tornou enfadonha e o único meio que os unia eram os filhos.

Na juventude, esse homem conheceu nossas idéias e nele nasceu uma consciência. Tornou-se um corajoso militante. Dedicou-se com ardor e inteligência à propaganda. Todo seu amor não dirigido a uma pessoa ele ofereceu ao seu ideal. Mas em sua casa, enquanto isso, continuava a vida monótona alterada apenas pela alegria de seus filhos pequenos. As circunstâncias propiciaram nosso encontro, inicialmente, como parceiros de idéias. Conversamos, simpatizamos e aprendemos a nos conhecer. Assim nasceu nosso amor. Pensávamos, no começo, que seria impossível. Ele, que amava só em sonhos, e eu, que despontava para a vida. Cada um continuou vivendo entre a dúvida e o amor. O destino, ou melhor, o amor fez o restante. Abrimos nossos corações, e nosso amor e nossa felicidade derramaram sua melodia no meio da luta e dos ideais, impulsionando-os mais ainda. Nossos olhos, lábios e corações se expressaram na conspiração mágica de um primeiro beijo. Nós idealizamos o amor e o levamos à realidade. O amor livre desconhece barreiras e obstáculos. É a força criadora que transporta dois seres por um caminho florido,

América Scarfó, *uma experiência*

atapetado de rosas — e algumas vezes de espinhos — por onde sempre se encontra a felicidade.

Por acaso o universo não se converte em um éden, quando dois seres se amam?

A mulher dele — apesar de seu relativo conhecimento — simpatiza com nossas idéias. Ultimamente, ela deu provas de desprezo aos sicários da ordem burguesa, quando a polícia começou a perseguir meu amigo. Foi assim que eu e ela nos tornamos amigas. Ela não ignora o que significa para mim o homem que vive a seu lado. O sentimento de afeição fraternal que existia entre eles permitiu-lhe confiar plenamente nela. Ele também lhe deu a liberdade de viver como desejasse, tal como corresponde a todo anarquista consciente. Até agora, a bem da verdade, vivemos uma verdadeira novela. Nosso amor se intensificou cada vez mais. Não podemos viver completamente juntos devido à situação política de meu amigo e o fato de que devo concluir meus estudos. Encontramo-nos muito e em diversos lugares. Não é por acaso essa a melhor maneira de elevar o amor afastando-o da vida doméstica? Sei que quando existe o verdadeiro amor, o mais belo é viver junto.

Era isso o que queria dizer. Mas aqui, alguns se arvoraram em juízes. Eles não se encontram apenas entre as pessoas comuns, mas, também, entre companheiros de idéias que se vêem livres de preconceitos, mas que no fundo são intolerantes. Um deles afirma categoricamente que nosso amor é uma loucura; outro afirma que a esposa de meu amigo representa o papel de *mártir*, apesar dela não ignorar nada do que nos diz respeito, ser dona de si e gozar sua liberdade. Um terceiro levanta o ridículo obstáculo econômico. Sou tão independente como meu amigo. Segundo todas as probabilidades, criarei uma situação econômica pessoal que me liberará, nesse sentido, de todas as inquietações.

Além disso, tem a questão dos filhos. O que tem a ver os filhos com os sentimentos do coração? Por que

um homem que tem filhos não pode amar? É o mesmo que dizer que um pai de família não pode trabalhar por uma idéia, fazer propaganda, etc. O que leva a pensar que esses pequenos seres serão esquecidos porque seu pai me ama? Se o pai esquecesse seus filhos mereceria meu desprezo e não existiria mais amor entre nós.

Aqui, em Buenos Aires, certos camaradas têm uma idéia verdadeiramente exígua do amor livre. Imaginam que este consiste em coabitar sem estar casado legalmente e, enquanto isso, em seus lares perpetuam os ridículos e os preconceitos próprios dos ignorantes. Na sociedade burguesa também há essa forma de união que ignora o registro civil e o padre. Isso é amor livre?

Por fim, criticam nossa diferença de idade, simplesmente porque tenho 16 anos e meu amigo 26. Uns me acusam de pretender uma operação comercial; outros me qualificam de inconsciente. Ah, esses pontífices do anarquismo! Colocar no amor o problema da idade! Como se não fosse suficiente ter o cérebro raciocinando para que uma pessoa seja responsável por seus atos! Esse é um problema meu e se a diferença de idade não me importa, por que isso deve interessar aos outros? O que quero e amo é a juventude do espírito, que é eterna.

Há, também, os que nos tratam de degenerados, de enfermos e outros qualificativos similares. A todos, eu pergunto: por quê? Por vivermos a vida em seu verdadeiro sentido, por prestarmos um culto livre ao amor? Por nos amar sem importar os códigos ou as falsas morais, assim como os pássaros, que alegrem as calçadas e os jardins? Por sermos fiéis a nossos ideais? Desprezo todos que não podem compreender o que é saber amar.

O amor verdadeiro é puro. É um sol cujos raios cegam os que não podem subir às alturas. A vida é para ser vivida livremente. Prestemos à beleza, aos prazeres do espírito, ao amor, o culto que merecem.

América Scarfó, *uma experiência*

Isso é tudo, camarada. Aguardo sua opinião sobre meu caso. Sei bem o que faço e não preciso de aprovação ou postergação. Mas por ter lido muitos de seus artigos e estar de acordo com seus vários pontos de vista, gostaria de conhecer sua opinião.”

América Scarfó tinha 16 anos quando escreveu esta carta, e se refere ao amor por Severino di Giovanni. Sobre a relação entre eles, pode-se consultar Osvaldo Bayer, *Severino di Giovanni. El idealista de la violencia*. Buenos Aires, Planeta, 1999. No livro, Bayer afirma que antes da carta, “um temporal havia turvado a relação entre Severino e América. As críticas dos companheiros, os impedimentos quase insuperáveis para continuar a relação e sua situação familiar levam América a uma crise e a reprovações a Severino, exigindo o fim da relação... Como uma típica rixa de namorados, o reencontro apagará os problemas e firmará a união com mais força ainda. Desse reencontro aparece a carta de América para *L'en dehors*, como uma espécie de ata que oficializava os sentimentos retidos até então na intimidade.

Sob o título *Uma experiência*, a carta foi publicada em *L'en dehors*,² em 20 de janeiro de 1929, acompanhada da resposta de Émile Armand:

“Companheira, minha opinião pouco importa a respeito do que você relata sobre o que faz. Você está intimamente de acordo com sua concepção pessoal de vida anarquista? Se estiver, ignore os comentários e insultos dos outros e siga seu caminho. Ninguém tem o direito de julgar sua conduta, até mesmo se a esposa de seu amigo fosse hostil a essas relações. Toda mulher unida a um anarquista (ou vice-versa) sabe que não deverá exercer sobre ele ou sofrer da parte dele dominação de qualquer tipo.”

Tradução do espanhol por Edson Passetti.

Abaixo, a nota que acompanhou todas as edições de *L'en dehors*.

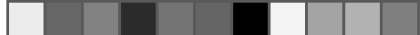
Nossa linha de conduta

Em todos os lugares, os individualistas de nossa tendência querem instaurar — a partir de agora e em qualquer tempo — um ambiente fundado no ato individual e no qual, sem qualquer *controle, intervenção ou ingerência do Estado*, todos os indivíduos possam, seja isoladamente, seja em associações, *resolver suas questões entre eles*, por meio de livres pactos, anuláveis após aviso prévio, e isso para toda atividade, quer a associação seja obra de uma personalidade ou de uma coletividade. Suas *associações voluntárias* são uniões de camaradas, baseadas no exercício da reciprocidade ou «igual liberdade».

Os individualistas a nosso modo consideram como seus adversários todas as instituições e todas as individualidades que, diretamente ou pela interposição de pessoas, queiram assujeitá-los à sua *autoridade e usar violência contra eles*, ou em outros termos, todos os partidários dos CONTRATOS IMPOSTOS. Eles se autorizam a *defender-se* contra eles por todos os meios à sua disposição, inclusive o embuste.

Os individualistas de nossa espécie combatem os ciúmes sentimental-sexuais, o proprietismo corporal e o exclusivismo em amor, que eles consideram manifestações autoritárias, quando não fenômenos psicopatológicos. Propagam a tese da «camaradagem amorosa». Reivindicam TODAS AS LIBERDADES SEXUAIS (desde que não sejam maculadas de violência, dolo, de fraude ou de venalidade), inclusive o direito de educação, de publicidade, de variação, de fantasia e de associação.

Tradução do francês por Martha Gambini.



América Scarfó, *uma experiência*

Notas:

¹ Publicado em Osvaldo Baigorria (org) *El amor libre. Eros y anarquía*. Buenos Aires, Libros de Anarraes, 2006, pp. 95-99.

² *L'en dehors*, jornal bimensal anarco-individualista, publicado por Émile Armand, entre 1922 e 1939, em 335 números. Todo exemplar vinha acompanhado com o manifesto “Notre ligne de conduite”, que publicamos em tradução, depois da resposta de Armand a América Scarfó. (N.T.)



Indicado para publicação em 9 de junho de 2008.

